

ADOLESCÊNCIA X GRAVIDEZ: AS CONTRIBUIÇÕES PREVENTIVAS DO ENFERMEIRO NA ÓTICA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Wanderson Alves Ribeiro¹
Jaqueline Constantino de Lima²
Madalena de Oliveira Silva Santos Souza³
Bruna Porath de Azevedo Fassarella⁴
Aramis Alves da Silva⁵
Leandro Sperendio de Oliveira⁶
Kelli Cristina Dutra da Silva Santiago Ranauro⁷
Carla Santos de Campos da Silva Carlota⁸

Resumo: Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e caráter descritivo que tem como objeto de estudo as contribuições preventivas do enfermeiro na prevenção a gravidez na adolescência, que objetivou descrever o conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos e identificar as possíveis contribuições do enfermeiro na prevenção a gravidez na adolescência frente a ótica da educação em saúde. Como metodologia, utilizaram-se artigos publicados em base de dados virtuais. Para tal utilizou-se a Biblioteca Virtual de Saúde, nas bases de informações LILACS, BDNF, MEDLINE e SCIELO, com recorte temporal de 2007 a 2017. A fase da adolescência expõe a vivência a uma série de situações de vulnerabilidades. Entre estas situações está a gravidez precoce associada aos fatores clínicos, sociais, culturais, emocionais e ocorrências de gestações anteriores na família. O enfermeiro possui um papel essencial no desenvolvimento de habilidades preventivas e educativas com os adolescentes estabelecendo estratégias que visem à prevenção da gravidez na adolescência. Conclui-se que as práticas educativas são imprescindíveis, pois são um meio de obtenção de informações para esse público e verifica-se a necessidade de buscar novas formas de atuação com a população de adolescentes, uma vez que a gravidez nessa fase é um problema de saúde pública no Brasil.

Palavras-chave: Adolescência; Gravidez na Adolescência; Educação em Saúde.

¹ Enfermeiro. Mestrando Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da UFF, Niterói/RJ. Docente do Curso de Graduação da UNIG. Preceptor Acadêmico do Curso de Graduação em Enfermagem da UNIABEU. E-mail: nursing_war@hotmail.com

² Enfermeira. Graduada pela Universidade Iguazu. E-mail: jaqueline-limma@hotmail.com

³ Enfermeira. Graduada pela Universidade Iguazu. E-mail: madarj2007@gmail.com

⁴ Enfermeira. Mestranda em Ciências Aplicadas em Saúde da Universidade Severino Sombra. Docente do Curso de Graduação da UNIG. Preceptora Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da UNIABEU. E-mail: brunaporath@gmail.com

⁵ Acadêmico do 8^a período do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Iguazu. E-mail: arathade@hotmail.com

⁶ Acadêmico do 4^a período do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estácio de Sá. E-mail: pr.sperendio@gmail.com

⁷ Enfermeira. Especialista em UTI Neonatal e Pediatria pela Universidade Castelo Branco. Especialista em Psicanálise Clínica pela Escola de Psicanálise do Rio de Janeiro. E-mail: kcdssr@hotmail.com

⁸ Acadêmica do 8^a período do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Iguazu. E-mail: grupojovem_mnn@hotmail.com

ADOLESCENCE X PREGNANCY: THE PREVENTIVE CONTRIBUTIONS OF NURSES FROM THE POINT OF VIEW OF HEALTH EDUCATION

Abstract: This is a qualitative and descriptive bibliographical research whose object is to study the preventive contributions of the nurse in the prevention of teenage pregnancy, which aimed to describe the adolescents' knowledge about contraceptive methods and to identify the possible contributions of the nurse in the prevention of pregnancy in the perspective of health education. As a methodology, articles published in a virtual database were used. To this end, the Virtual Health Library was used in the LILACS, BDENF, MEDLINE and SCIELO information bases, with a temporal cut from 2007 to 2017. The adolescence phase exposes the experience to a series of vulnerability situations. Among these situations is early pregnancy associated with clinical, social, cultural, emotional, and occurrences of previous pregnancies in the family. Nurses play an essential role in the development of preventive and educational skills with adolescents, establishing strategies to prevent teenage pregnancy. It is concluded that educational practices are essential, as they are a means of obtaining information for this public and there is a need to seek new ways of acting with the adolescent population, since pregnancy at this stage is a problem of public health in Brazil.

Keywords: Adolescence; Teenage pregnancy; Health education.

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) preconizam a adolescência como período entre 10 e 19 anos, fase em que ocorrem várias transformações e modificações psicológicas e no crescimento. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, considera criança pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescentes aquelas entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 2013).

Em consonância ao contexto, Nascimento (2016) refere que adolescência tem sido tema de destaque em diversos estudos nas últimas décadas. É nessa fase que aparecem os conflitos com o início das relações sexuais, momentos de incerteza, ansiedade, insegurança, isolamento, transtornos de vínculos afetivos, entre outros.

De acordo com Ferreira e Farias (2010), é a etapa da vida entre a infância e a idade adulta, período em que ocorre uma série de modificações no desenvolvimento físico, psicossocial e emocional, em que muitas vezes coincide com o início da vida sexual.

A fase da adolescência expõe a vivência a uma série de situações de vulnerabilidades. Entre estas situações está a gravidez precoce associada aos fatores clínicos, sociais, culturais, emocionais e ocorrências de gestações anteriores na família. (BRASIL, 2013).

A descoberta da sexualidade atinge a sua máxima intensidade na adolescência e torna-se uma potencial fonte de comunicação, prazer e afeto nas dimensões pessoal e interpessoal (RODRIGUES; VILAÇA, 2013).

Desse modo a iniciação sexual é um evento marcante na vida de um adolescente. Ao mesmo tempo em que lhe permite adentrar em um mundo de novas descobertas, pode inseri-lo em um grupo de vulnerabilidade a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e AIDS. Essa inserção pode ter como desfecho, também, a ocorrência de gravidez na adolescência, aborto e outros problemas de ordem biológica, socioeconômica e psicológica (MARINHO et al;2009).

Frente ao ponto de vista de Spindola e Silva (2009), acredita ser que os riscos para a gravidez não planejada e indesejada na adolescência estão associados a fatores como a não adoção dos métodos contraceptivos ou uso incorreto e ainda o desconhecimento da fisiologia reprodutiva.

Na ótica de Vilaça (2015), refere se que uma informação correta sobre os métodos contraceptivos pode diminuir o risco de gravidez precoce, porém, constata que mesmo com essa informação os/as adolescentes persistem em não fazer uso dos métodos contraceptivos, o que se deve, em parte, à fase de desordem emocional que vivenciam, preferindo muitas vezes, optar pelo risco. Por essa razão, e por várias outras que a seguir se apresentam.

Por outro lado Vilaça (2015), considera imprescindível a implementação da educação em sexualidade na comunidade escolar e aponta várias razões para a necessidade de o fazer: o gosto dos/as adolescentes pelo risco; o seu constrangimento em assumir atitudes preventivas perante os pares; as relações interpessoais com pares inexperientes e pouco informados sexualmente; a pouca capacidade para gerir racionalmente emoções fortes prevendo consequências não é fenômeno recente e pode ser explicado por diferentes causas. Tradicionalmente era associado à pobreza, entretanto outros aspectos mais abrangentes surgem nesse cenário.

Complementa-se que, além dos fatores econômicos, que inclui a pobreza, o crescimento populacional de adolescentes e a baixa escolaridade, encontra-se a diminuição média da idade para menarca e o início da atividade sexual precoce, aliadas à falta de informação sobre meios contraceptivos e à deficiência de programas de apoio ao adolescente (CERQUEIRA et al; 2010).

Tendo em vista aspectos observados Diniz eKoller (2012), afirma que a atuação do enfermeiro, como de toda a equipe de saúde, tem as ações centradas na tríade promoção, prevenção e assistência, sendo as duas primeiras de maior relevância no processo de trabalho que vai ao encontro dos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde, gravidez que podem ser desencadeadas de risco tanto para a mãe como para o recém-nascido.

Sendo assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS) indicou a gravidez como prioridade no atendimento em adolescentes por afetar a saúde da mãe e da criança.

Corroborando ao contexto, cabe mencionar que os riscos médicos associados à gravidez em adolescentes são hipertensão, anemia e nutrição inadequada, que elevam os índices de morbidade. Adolescentes que iniciam atividade sexual mais tarde que seus pares, tendem a ter autoestima mais elevada. A baixa autoestima em adolescentes provém do medo, insegurança, rejeição e baixas aspirações na vida. Soma-se a isso a evasão escolar, desqualificação profissional e subempregos com salários indignos (CERQUEIRA *et al*; 2010).

Segundo Brasil (2013), a atividade educativa voltada para o planejamento reprodutivo tem como objetivos: ofertar à clientela os conhecimentos necessários para a escolha e posterior utilização de medidas contraceptivas adequadas, assim como propiciar questionamentos e reflexões sobre temas relacionados com a prática da anticoncepção, inclusive a sexualidade.

Nesse sentido, ressalta-se que, as ações educativas realizadas pelo enfermeiro devem ser preferencialmente realizadas em grupo, precedendo a primeira consulta, e devem ser sempre reforçadas pela ação educativa individual, levando em consideração: a escolha da mulher, do homem ou do casal, as características dos métodos e de fatores do eixo individual e situacional relacionados aos usuários do método (BRASIL, 2013).

A gravidez precoce e não planejada pode resultar em sobrecarga psíquica, emocional e social para o desenvolvimento da adolescente, contribuindo para alterações no seu projeto de vida futura, assim como na perpetuação do ciclo de pobreza, educação precária, falta de perspectiva de vida, lazer e emprego e, conseqüentemente, na busca de melhores condições de vida (NASCIMENTO, 2016).

Diante da problemática apresentada pode-se destacar como objeto de estudo as contribuições preventivas do enfermeiro na prevenção a gravidez na adolescência.

Para tal, traçou-se a seguinte questão norteadora: Quais são as possíveis contribuições do enfermeiro na prevenção a gravidez na adolescência frente a ótica da educação em saúde?

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo descrever o conhecimento dos adolescente sobre métodos contraceptivos e identificar as possíveis contribuições do enfermeiro na prevenção a gravidez na adolescência frente a ótica da educação em saúde.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e caráter descritivo. Cabe ressaltar que a pesquisa bibliográfica que é desenvolvida com auxílio de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Contudo em grande parte dos estudos seja exigido algum tipo de trabalho deste gênero, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2008).

Com vista a conhecer a recorrência e o estado da temática, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para embasamento e contextualização do tema em questão.

Os dados foram coletados em base de dados virtuais. Para tal utilizou-se a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), na seguinte base de informação: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Literatura Internacional em Ciência da Saúde (MEDLINE), *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO), dentre outros, no período de fevereiro à março de 2018.

Optou-se pelos seguintes descritores: Adolescência; Gravidez na Adolescência; Educação em Saúde que se encontram nos Descritores em Ciência da Saúde (DECS).

Estabeleceu-se então para a realização da pesquisa os critérios de inclusão: textos na íntegra e em português com abordagem da temática estabelecida e que obedecessem ao recorte temporal de 2007 a 2017 e como critérios de exclusão, os

textos incompletos e em língua estrangeira, textos que não abordassem a temática estabelecida e com recorte temporal inferior a 2007.

Cabe mencionar que os textos em língua estrangeira foram excluídos devido o interesse em embasar o estudo com dados do panorama brasileiro e os textos incompletos, para oferecer melhor compreensão através da leitura de textos na íntegra.

Após a associação de todos os descritores foram encontrados 2.029 artigos, excluídos 2.014 e selecionados apenas 15.

3. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Subsequente a esta seleção, foi realizado uma leitura reflexiva dos artigos, onde descreveram-se os resultados encontrados nesta leitura e, ainda, uma discussão sucinta relacionada aos achados.

Posterior à leitura reflexiva dos ensaios supracitados emergiram três categorias: Sexualidade do Adolescente; Conhecimento dos métodos contraceptivos pelos adolescente; Enfermeiro e suas contribuições frente a educação em saúde na prevenção a Gravidez na Adolescência

3.1. Sexualidade do adolescente

Segundo Brasil (2013), a sexualidade, especialmente na adolescência, é um componente intrínseco da pessoa, é fundamental na saúde dos jovens porque transcende o aspecto meramente biológico, manifestando-se também como um fenômeno psicológico e social, fortemente influenciado por crenças e valores pessoais e familiares, normas morais e tabus sociais.

Desse modo, a sexualidade deve ser discutida como um todo, envolvendo adolescentes, responsáveis, professores, profissionais de saúde e sociedade, para favorecer o diálogo e o conhecimento, assim contribuindo para minimizar os fatores de vulnerabilidade.

Do ponto de vista de Malta et al. (2011), a idade considerada média na qual os adolescentes estão entrando na puberdade tem diminuído consideravelmente. Quanto mais cedo o adolescente entra na puberdade, mais cedo acontecerá seu amadurecimento biológico que não necessariamente coincide com o

amadurecimento cognitivo e emocional, o que constitui, portanto, fator de risco para uma iniciação sexual prematura.

Além disso, sexo era tanto para a reprodução como para a busca de sentimentos profundos de amor, para o prazer sexual e a sensualidade. Já na ascensão do Cristianismo, construiu-se uma moralidade permanente, na qual se mantinha a castidade ou o casamento, a recusa do prazer exclusivamente sexual, reduzindo assim as práticas sexuais aos limites estreitos dos interesses de procriação (MALINA et al,2015).

Na visão de Ferreira, Galvão e Costa (2017), na atualidade, a sexualidade é um processo curiosamente atrativo, uma fase especial da vida, com inúmeras transformações hormonais que se exacerbam nos adolescentes pelas descobertas da própria sexualidade. Todavia, a falta ou o pouco conhecimento desse grupo populacional a respeito da temática estão relacionados com o aumento de gravidez na adolescência e de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Mediante tal contexto, torna-se necessário trilhar um caminho que apoie efetivamente os adolescentes em suas necessidades, que lhes permita um acesso rápido à informação empoderando-os por meio de informações corretas para que haja a participação de cada um na vida sexual e reprodutiva de forma segura e satisfatória, possibilitando, assim, a liberdade de decisão, livre de discriminação, coerção e violência (BRASIL,2013).

Sendo assim Santos et al. (2016), afirma que poderão ser debatidos temas importantes para a saúde dos adolescentes, em especial a garantia da autonomia de suas escolhas e a prevenção de IST e de gravidez indesejada a partir do processo informativo da educação.

Para tanto, são necessárias estratégias relacionadas à informação dos adolescentes, em especial direcionadas àqueles em período escolar, com vistas à promoção de uma discussão crítica e reflexiva, extensiva aos seus responsáveis e professores. Entretanto, existem entraves relacionados ao direito dos adolescentes de vivenciar a sexualidade com menos conflitos e intercorrências (SANTOS et al, 2016).

No ponto de vista de Santos et al. (2016), a vulnerabilidade dos jovens no campo da sexualidade é mostrada por alguns indicadores, tais como desconhecimento sobre ciclos reprodutivos, gravidez juvenil, preservativos, conversa

com adultos, limites individuais e discriminações por conta de gênero e de orientação sexual.

3.2. Conhecimento dos métodos contraceptivos pelos adolescente

A humanidade fez uso da anticoncepção desde os tempos mais remotos. Entretanto, foi a partir de 1946 que os métodos anticoncepcionais se espalharam pelo mundo, principalmente nos países mais desenvolvidos na década de 60. Apesar da política pública de saúde, na última década, ter destacado a saúde reprodutiva, anticoncepção e prevenção de DST, ainda existem no mundo cerca de 500 milhões de pessoas sem acesso a uma anticoncepção efetiva (BRASIL, 2013).

De acordo com Brasil (2013), a atenção aos adolescentes no sistema de saúde e educação vem sendo discutida na perspectiva da abordagem multiprofissional, com vistas a melhorar o cuidado a esses jovens, que ainda tem poucas oportunidades de desenvolverem atitudes saudáveis.

Ressalta-se que somente passar a informação ao adolescente acerca dos métodos contraceptivos existentes, não é suficiente, mas deve-se ampliar o conhecimento sobre a importância de alguns métodos na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, o efeito de cada um no corpo, a forma correta de sua utilização e as possíveis consequências do não uso (KOERICH et al.2010).

São muitas as razões para comportamentos sexuais desprotegidos entre adolescentes e, sem dúvida, o desconhecimento sobre o próprio corpo, os métodos contraceptivos e seu uso correto têm forte evidência. Outros estudos reforçam que a aplicação do conhecimento é uma forma de prevenir a gravidez na adolescência, evitando que o futuro da adolescente seja comprometido (SILVA et al, 2016).

Os facilitadores ao dialogarem com os adolescentes utilizaram linguagem clara e objetiva com bases científicas, essencialmente durante as dinâmicas; propiciando abordagem interativa, na tentativa de reconhecer os adolescentes em sua diversidade, assim como fortalecer ações de cuidado à saúde (SILVA et al, 2016).

Estudos realizados com adolescentes evidenciam que, a maioria deles, que são sexualmente ativos, não tem atitudes favoráveis à contracepção e os autores alertam que a abordagem sobre os métodos contraceptivos deve ser anterior à iniciação sexual (SILVA et al, 2016).

Os anticoncepcionais de emergência são métodos alternativos de anticoncepção para serem usados em situações especiais e não devem ser manipulados de forma contínua e diária. Ressalta-se que, parte dos adolescentes nunca participou de conversas sobre a anticoncepção de emergência nas escolas e referiu ter informação de forma esporádica na escola pelo professor de Ciências (SILVA et al, 2016).

Brasil (2013), enfatiza que a escola é um ambiente propício para os adolescentes obterem estas informações e certamente envolverá atividades integradas com os profissionais da saúde, pois os educadores, na maioria das vezes, não estão informados sobre o assunto no espaço da atenção básica, também, devem ser propiciadas estas ações na integração com a escola, um ambiente para muitos aprendizados, mas não ocorre a devida articulação entre estes setores, apesar da existência de programas com esta finalidade.

3.3. Enfermeiro e suas contribuições preventiva na gravidez na adolescência

Segundo Diniz eKoller (2012) o enfermeiro possui um papel essencial no desenvolvimento de habilidades preventivas e educativas com os adolescentes estabelecendo estratégias que visem à prevenção da gravidez na adolescência, criando grupos com propósitos na promoção de saúde e prevenção de ISTs/gravidez precoce, visando conscientizar os jovens sobre a importância da participação ativa nas ações de educação em saúde, no intuito de que se tornem capazes de lidar com suas próprias decisões, e elencando atitudes positivas para lidar com papel do autocuidado.

De acordo com Gurgel et al (2010) ,o enfermeiro possui um papel essencial no desenvolvimento de habilidades preventivas e educativas com os adolescentes estabelecendo estratégias que visem à prevenção da gravidez na adolescência, criando grupos com propósitos na promoção de saúde e prevenção de ISTs/gravidez precoce, visando conscientizar os jovens sobre a importância da participação ativa nas ações de educação em saúde, no intuito de que se tornem

capazes de lidar com suas próprias decisões, e elencando atitudes positivas para lidar com papel do autocuidado.

Brasil (2013) enfatiza que a Enfermagem possui um papel importante nesse processo, uma vez que advém de conhecimentos capazes de serem utilizados na realização de busca ativa e identificação dos problemas enfrentados pelas adolescentes, corroborando para métodos de intervenção eficazes pautados por meio de ações educativas de prevenção à gravidez precoce e métodos contraceptivos, tendo em vista que é nesta faixa etária que se retrata o início de vida sexual precoce e, portanto, maior vulnerabilidade à DST/AIDS e gravidez indesejada.

São por saberes diferentes que se vê a importância do aperfeiçoamento do enfermeiro, devendo pensar sempre no Art. 14 do código de ética dos profissionais de enfermagem, que refere que o profissional deve aprimorar os seus conhecimentos técnicos, científicos, éticos e culturais, em benefício da pessoa, família e coletividade e do desenvolvimento da profissão (COFEN 2017).

De acordo com estudos, a Estratégia de Saúde da Família constitui-se como porta de entrada do usuário no sistema único de saúde. Para isso, é preciso que a equipe conheça a realidade e necessidades da população em sua área de abrangência para que se possa desenvolver um processo de planejamento, participação do processo de territorialização e mapeamento da área de atuação da equipe, identificando grupos, famílias e indivíduos expostos a riscos e vulnerabilidades (BRASIL,2013).

Na visão Silva et al (2016), nota que os profissionais de saúde encontram muitas dificuldades em abordar os adolescentes, muitas destas dificuldades são pela falta de capacitação específica para trabalhar com os jovens e também pelo fato de que o público desta faixa etária raramente procura a unidade de saúde e demonstra pouco interesse e adesão às atividades que são propostas apenas aos casos em que o adolescente procura a unidade por iniciativa.

Bem como, durante a consulta de enfermagem ao adolescente, é importante a presença de um responsável adulto, pois dificilmente este sabe informar sobre os dados referentes às condições de saúde de sua família, ao seu nascimento e aos primeiros anos de vida. Entretanto, devem ficar claras as regras do sigilo, da privacidade e da concordância do adolescente, que mesmo acompanhado, deve ser ouvido particularmente para ter a oportunidade e liberdade

de expressar seus sentimentos, suas queixas e seus arrependimentos (SILVA et al; 2016).

De acordo com Torres et al (2017), a equipe de saúde tem um grande papel quando se fala em educação sexual, abordando a gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis, o uso de drogas e a importância dos estilos de vida na preservação e proteção da saúde.

Como também o realça que a educação em saúde sexual não deve ficar na responsabilidade somente dos familiares e escolas, mas o profissional de saúde deve estar preparado para essa ação proporcionando um espaço para discussão, e não transmitindo valores e experiências pessoais (TORRES et al .2017).

Além disso uma das formas de trabalhar com os adolescentes é através do diálogo, sendo necessária a atuação de uma equipe multiprofissional para que se possa envolver o adolescente, vencer os preconceitos que estão relacionados com a sexualidade e diminuir o número de jovens em estado de vulnerabilidade diante das DST/AIDS e gravidez precoce e/ou indesejada (TORRES et al. 2017).

Além disso Torres et al (2017) identifica que dúvidas e medos afligem os adolescentes quando o assunto a ser tratado é saúde sexual e reprodutiva. As ações educativas voltadas a este grupo devem abordar esta temática de maneira eficiente, analisando também o contexto sociocultural e econômico no qual o adolescente está inserido, de modo que as estratégias a serem traçadas sejam condizentes com a realidade. Os profissionais de saúde devem trabalhar na busca destes objetivos.

Ao trabalhar ações voltadas à prevenção da gravidez precoce, o processo de trabalho deve ser direcionado às orientações e estratégias de grupos em lugares mais apropriados e acessíveis ao adolescente de forma que o profissional possa estabelecer processo de confiança (SAMPAIO et al. 2010).

Um estudo nos mostra quais as medidas de ação para a prevenção da gravidez precoce que podem ser realizadas na atenção básica, sendo palestras direcionadas aos adolescentes com utilização de recursos didáticos que abordam sobre os métodos contraceptivos, planejamento familiar, orientações sobre os riscos e complicações que os adolescentes estão sujeitos diante da gravidez precoce (MAX;2011).

Sendo assim, faz-se necessária a capacitação de todos os membros da equipe que esteja integrada à saúde do adolescente, além disso existe falta de

recurso materiais adequados e estrutura para que possa ser desenvolvido um atendimento qualificado para o adolescente, tanto no individual quanto no coletivo (COSTA et al; 2012).

Segundo um estudo, a atenção voltada ao adolescente deve ser de forma direcionada para o desenvolvimento de estratégias apropriadas de acordo com as necessidades, portanto, deve-se utilizar das práticas educativas como uma forma mais eficaz ao trabalharem questões do cotidiano do adolescente, devendo estar direcionadas nos problemas e em métodos resolutivos para melhoria das condições de vida (COSTA et al;2012).

De acordo Torres et al (2017) as práticas educativas compõem a prática social da enfermagem e caracterizam-se como instrumentos valiosos no processo de trabalho em saúde dos enfermeiros nas ESF por ser uma atividade de grande relevância, sendo importante na organização da assistência e desenvolvimento de ações educativas para a promoção da saúde.

No ponto de Torres et al (2017), afirma que ação educativa faz parte do processo de trabalho do enfermeiro e está ligada a todo seu processo de cuidado, sendo assim o enfermeiro é o profissional que trabalha mais próximo da comunidade/usuários, estando apto ao desenvolvimento da promoção de saúde através das ações e práticas de educação.

Além disso, ao desenvolver as ações educativas, o enfermeiro tem como objetivopromover uma discussão dinâmica de maneira que envolva todos os participantes e propicie a exposição das suas dúvidas, de forma que consista em um ambiente de acolhimento e envolvimento e permita a construção coletiva do conhecimento por meio da troca das informações e das experiências vivenciadas, tendo em mente como um método eficaz para a aprendizagem no que se refere aos assuntos relacionados à sexualidade, gravidez e à prevenção das DST/AIDS (ROCHA,2014).

Quando se fala sobre a execução de prática educativa, os autores apresentam diversas dificuldades, mencionando que não têm espaço físico adequado para a realização de ações e os materiais educativos e insumos são insuficientes. Outro fator é que as equipes não são especializadas para o atendimento direcionado ao adolescente, além de estarem sobrecarregadas e incompletas, além disso o mais preocupante é que não se tem suporte pedagógico

para capacitação dos profissionais, o que caracteriza falta de planejamento para qualquer atividade (TORRES et al. 2017).

Segundo o Brasil (2013), a camisinha é o método mais eficaz para se prevenir contra muitas infecções sexualmente transmissíveis (IST's), como a aids, alguns tipos de hepatites e a sífilis, por exemplo. Além de prevenir as IST's, os preservativos, masculino e feminino, também atendem à função de proteger do risco de uma gravidez indesejada. Desde a década de 1940 observa-se que a puberdade se apresenta de forma precoce, resultando na iniciação da atividade sexual.

De acordo com Torres et al (2017), o profissional enfermeiro é habilitado e capacitado para prestar cuidado ao cliente e sua família em todas suas esferas existenciais, considerando as necessidades curativas, preventivas e educativas de cuidados em saúde.

Da mesma forma Ferreira, Galvão e Costa (2017), diz que o enfermeiro ministra o cuidado ao sujeito, que é o ser humano em todo o seu ciclo vital. Atuando nas inúmeras situações relacionadas ao processo saúde doença desempenhando papéis nos diversos campos de atenção. Portanto cabe a este profissional tratar questões que englobem o Adolescente e o processo de desenvolvimento na adolescência.

Nesse sentido, ressalta-se que, as ações educativas realizadas pelo enfermeiro devem ser preferencialmente realizadas em grupo, precedendo a primeira consulta, e devem ser sempre reforçadas pela ação educativa individual, levando em consideração: a escolha da mulher, do homem ou do casal, as características dos métodos e de fatores do eixo individual e situacional relacionados aos usuários do método (BRASIL,2013).

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que as práticas educativas ministradas pelo enfermeiro são imprescindíveis, pois são um meio de obtenção de informações para esse público e verifica-se a necessidade de buscar novas formas de atuação com a população de adolescentes, uma vez que a questão da gravidez nessa fase é um problema de saúde pública no Brasil e em vários países do mundo.

Com tudo, as ações de prevenção assumem papel de suma importância, devendo incluir não apenas a oferta de preservativos e os demais métodos anticoncepcionais, mas também a garantia de espaços para que o adolescente possa falar de si próprio, trocar experiência e receber informações que favoreçam a adoção de hábitos saudáveis de vida.

Assim sendo, o enfermeiro como educador deve estudar de maneira mais abrangente, de tal forma a, dar a assistência necessária ao adolescente, é também diminuir o índice de gravidez indesejada na adolescência por meio de ações educativas e preventivas.

Por fim, acredita-se que a ausência de uma educação sexual mais efetiva, bem como a falta de acesso a informações e programas de saúde relativos à vida sexual e reprodutiva, principalmente destinados a adolescentes, são fatores determinantes para que aconteça a gravidez indesejada.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA-SANTOS, ELDER et al. Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. *Psicol. estud.*, Maringá. v. 15, n. 1, p. 72-85. 2010. jun./jul 2018.

COSTA, R.F; QUEIROZ, M.V.O; ZEITOUNE, R.C.G. Cuidado ao Adolescente: Contribuições para a Enfermagem. *Rev. enferm. UERJ.* 2012., jun./jul 2018.

DINIZ, E; KOLLER, S.H. Ser adolescente e ser mãe: Investigação da gravidez adolescente em adolescentes brasileiras e portuguesas. *Análise Psicológica.* v.29 n.4 p. 521-533. 2010. jun./jul 2018.

Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde. *Ministério da Saúde.* Brasília – DF. 2010.

FERREIRA, L. S. M.; GALVÃO, M. T. G.; COSTA, E. S. Sexualidade do adolescente: Anticoncepção e DST/AIDS. *RBM rev. bras. med.: Caderno de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 57 (n. esp.), p. 8-19, nov. 2017. jun./jul 2018.

FERREIRA, T.H.S; FARIAS, M.A. Adolescência através dos séculos. *Psic.: Teor. e Pesq.* v. 26 n.2 p.227- 234. 2010, jun./jul 2018.

GURGEL, M.G.I; ALVES, M.D.S; MOURA, E.R.F; PINHEIRO, P.N.C; REGO, R.M.V. Desenvolvimento de habilidades: estratégia de promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência. *Rev. gaúch. enferm.* v.31 n.4 p. 640-6. 2010, jun./jul 2018.

Gil, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008

HIRDES, A. T. AT DA SILVA, MHVM JACOB. Conhecimento de adolescentes DST/AIDS no sul do Brasil., A Hirdes Aletheia, 2015 periódico. Aletheia, periodicos.ulbra.br, p. 46. 2015.

KOERICH, M.S et al. Doenças Sexualmente Transmissíveis e Contracepção: atuação da enfermagem com jovens de periferia. *Revista Enfermagem. UERJ*, Rio de Janeiro, n.18, v.02, pag. 265-271, abri/jun 2010.

MALTA, Deborah Carvalho. et al. Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Rev. bras. Epidemiol.* São Paulo, v.14, n.1, p.147-56, 2011.

MARINHO, L.F.B.; AQUINO, E.M.L.; ALMEIDA, M.C.C. Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras. *Cad. Saúde Pública.* 2009.

MAX, C.G.A. Saúde e educação: parceria para prevenção da gravidez na adolescência. Especialização em Gestão Pública em Saúde. Universidade Federal do Paraná, Curitiba [trabalho de conclusão de curso] Curitiba- PR 2011.

Ministério da Saúde. Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde. Brasília. 2010

MOLINA, Mariane Cristina Carlucci et al. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. *O Mundo da Saúde*, São Paulo; v.39. n.1, p.22-31, 2015.jun./jul 2018.

NASCIMENTO, L.B. A Criminalidade na Adolescência e os Fatores de Ressocialização. Caruaru. TCC [Bacharel em Direito] - Associação Caruaruense do Ensino Superior – Faculdade ASCES; 2016.

RESOLUÇÃO COFEN Nº 311/2007 revogada pela RESOLUÇÃO COFEN Nº 564/2017. Código de Ética da Enfermagem.

ROCHA, DAYANE CRISTINA DE SOUSA; BEZERRA, MARIA GORETTE ANDRADE; CAMPOS, ANTONIA DO CARMO SOARES. Cuidados com os Bebês: o Conhecimento das Primíparas Adolescentes. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 365-371, jun./jul 2018.

RODRIGUES, C. de J. M.; VILAÇA, T. Género e aprendizagem participativa orientada para a ação em educação sexual em Educação Moral e Religiosa Católica no 7o ano de escolaridade. In: PEREIRA, H. et al. (Ed.). Educação para a saúde, cidadania e desenvolvimento sustentado. Covilhã: Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior. p.519-531. 2010.

SAMPAIO, J; SANTOS, R.C; PAIXÃO, L.A; TORRES, T.S. Promoção da saúde sexual: desafios no Vale do São Francisco. *Psicol. Soc.* 2010, v. 22 n.3 p. 499-506.

SANTOS, M. U.; NASCIMENTO, M. B.; ANDRADE, L. D. F; PINTO, M. B.; SANTOS, N. C. C. B. A enfermagem e a vulnerabilidade dos adolescentes frente às IST/HIV/AIDS: Uma revisão integrativa. *UFCG.* 2016.

SILVA, M.M.S; DIAS, M.S.A; VASCONCELOS, A.C.M; SOUZA, D.R; MESQUITA, J.S. “Eu só quero amar”: ação intersetorial pet-saúde/Programa saúde na escola com adolescentes. *SANARE, Sobral*. v.15 n.1 p. 90-7.2016, jun./jul 2018.

SPINDOLA, T; SILVA L.F.F. Perfil epidemiológico de adolescentes atendidas no pré-natal de um hospital universitário. *Esc. Anna Nery*. V.13 n.1 p.99 - 107. 2009, jun./jul 2018.

TORRES, T.R.F; NASCIMENTO, E.G.C; ALCHIERI, J.C. O cuidado de enfermagem na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Adolesc. Saude*. 2017 v.10 (supl. 1) p. 16-26, jun./jul 2018.

VILAÇA, T. Competência para a ação na educação em sexualidade: potencialidades da parceria entre profissionais da educação e saúde com integração das TIC. In A.P. Vilela (Coord.), *Educação sexual: do saber ao fazer. Um contributo para a formação de professores* (pp. 29- 47). Braga: Centro de Formação de Escolas Braga/Su. 2015

Enviado em: 04 de janeiro de 2019

Aceito em: 25 de junho de 2019